

A fome do outro

The Hunger of the Other

Paulo Mortari A. C.

O jantar não o saciou; empapuçou. E era um prato bem servido, como o habitual, com salada de entrada, carne de corte nobre com acompanhamentos e uma sobremesa feita de alguma fruta importada. Toda uma diversidade de sabores passava despercebida pelo seu paladar, que registrava ao fim da refeição apenas um gosto enjoativo de bolacha de morango barata. Se alguma vez na vida comera uma guloseima dessas, teria sido na infância, e só.

No dia seguinte, quando ainda estava na cama, veio-lhe à boca um gosto de pão seco, uma hora antes de tomar um café da manhã tão colorido quanto inosso, notável na mesma medida em que passava batido. Já no começo da tarde, numa churrascaria, teve um almoço extravagante, farto, mas que não encheu seu estômago nem um grama a mais do que o prato de arroz com salsicha de duas horas antes, que ele não viu ser comido.

Essa era sua nova rotina alimentar. O que fosse que ingerisse, não saciava nem tinha gosto. Alimentava-se do que não consumia, uma comida que não via, mas era a que tinha, na hora e na quantidade que vinha, sabe-se lá de onde, e uma comida irrecusável, que não era a que escolhia saborear, embora fosse a única que dava função a suas papilas gustativas. Foi mais ou menos o que relatou a seu médico de confiança em consulta, uma semana após o início dos sintomas.

Fizeram, a princípio, um exame de sangue, cujos resultados, de fato, já apontavam alterações causadas pela nova dieta. No retorno ao médico, poucos dias depois, foram receitados suplementos, que acabariam não exercendo qualquer influência nos indicadores. Desconfiaram de perda de capacidade de absorção de nutrientes pelo organismo.

Num outro dia, passadas as onze e meia da manhã, sentiu um gosto de carne, o que o motivou a refazer os exames por conta própria. Uma leve reversão no quadro foi notada. Com os novos resultados em mãos, voltou a consultar seu médico, que, suspeitando que a ocasional má nutrição era apenas parte do problema, encaminhou-o a um psiquiatra. Realizou-se uma bateria de exames. Os resultados, um a um, deram negativo para qualquer anormalidade psíquica, transtorno ou distúrbio.

De volta a seu médico de confiança, depois de um sem-número de hipóteses descartadas, apenas a mais absurda parou em pé. “*Alguém está comendo pelo senhor. E, seguindo por esta linha, sou forçado a pensar que o senhor, por sua vez, está comendo por essa pessoa*”. Ficaram de estar mais atentos a sinais que comprovassem ou refutassem essa hipótese tão desarrazoada.

Em poucos dias, no meio de uma tarde, ligou desesperado para o médico, relatando que sentia não haver comido nada desde que acordara, apesar de ter feito todas as refeições normalmente. Partindo do pressuposto da troca de paladares, a recomendação dada foi a de responder à fome com mais fome, um jejum de vinte e quatro horas. Por mais contraditório que soasse, acatou, e no almoço da jornada seguinte, ainda sem ingerir nada, sentiu o gosto e a saciedade de um prato de arroz, feijão, ovos mexidos, couve refogada e salsicha.

Era um domingo quando um sabor muito peculiar lhe tomou a língua. Não conseguia discernir bem o que o alimentava. O único ingrediente que deveras identificou – e este, sim, com muita facilidade – foi o coentro, pois detestava. O resto era muito mais difícil. Parecia ser um caldo, mas com toda uma mistura de texturas. Legumes cozidos, talvez. Provavelmente cenoura, mas não só. Parecia haver também batata, mas a aspereza não correspondia à de uma batata comum em sua memória gustativa. E uns grãosinhos miúdos... Arroz, não... Seria... quinoa?! Mas como, para alguém que come embutidos com tanta frequência? De onde vem essa comida? Ah! Cebola também. Certeza: cebola branca. Nutriu, e bem mais do que os pratos da dieta habitual, mas não matou a fome, a sua fome. Se tivesse escolha, pediria uma picanha assada ao molho madeira, acompanhada de arroz e uma porção de batatas rústicas levemente crocantes, temperadas com folhinhas de alecrim; ou mesmo um bom ceviche, de peixe marinado com capricho no limão, no sal, na pimenta e na cebola – aí, sim, bem aproveitada –, mas sem coentro, um ceviche *riquíssimo*, daqueles que costuma pedir em renomados restaurantes peruanos nas viagens por metrópoles Ocidente afora. E, estando em casa, ansiaria por certa sobremesa de romã, a sua preferida, para terminar. Que falta a sua comida faz! Nem um Titicaca inteiro dessa mistura de cenoura cozida, batata, cebola e sabe-se lá o que mais saciaria esta fome, ao fim e ao cabo.

O “*titicacalinho*”, como jocosamente seria apelidado, era uma suposta ostentação alheia que visitaria a contragosto sua boca novamente vez ou outra, assim como outros pratos – poucos – que nunca saberia reconhecer. Pior do que isso, ainda que com recorrência bem menor, o deserto insistia em lhe invadir o estômago. O ronco árido da falta de comida chegava a fazê-lo se curvar sobre a barriga, reação que no mesmo instante se tornava uma súplica

pelo mais raso oásis alimentar, empestado que pudesse estar com odor de coentro. No desespero, acudia a seu médico sem horário marcado. Reiterava-se que pulasse algumas refeições, não para comunicar uma ameaça, mas como um lembrete do compromisso tácito que assumira com este siamês desconhecido, se não imaginário, de que, mais urgente do que estar vivo é não deixar morrer, custe o que custar.

“De algum modo, senhor, precisamos descobrir quem é essa pessoa. Não vejo outra forma de evitarmos essas crises. Sabe, já venho pensando há muito tempo nisso”.

Temeroso quanto à forma como suas palavras seriam recebidas, titubeou, mas continuou:

“Essa pessoa... Se ela existe... Se for isso mesmo... Só posso supor, com os indícios que temos, que se trata de alguém, digamos... com muitas privações. Certo?”.

Não obteve um retorno verbal, mas no semblante do interlocutor, notou que estava diante de alguém que, por instinto de sobrevivência, já tinha se desarmado de qualquer ceticismo, o que o encorajou a prosseguir:

“Se esse é o perfil que temos, também posso imaginar que lhe viria muito bem ter por perto um lugar em que pudesse fazer suas refeições de maneira bem acessível, sem qualquer tipo de cobrança. Um lugar que lhe garantisse comida boa todos os dias, deixando-o livre para se preocupar com as tantas outras penúrias da vida”.

Sentindo que fazia falta ser mais objetivo sobre aonde queria chegar, puxou uma boa carga de ar e soltou:

“Bem, não quero me intrometer em sua vida muito além do que a ética de meu ofício permite. Mas sei, como é de conhecimento geral, que o senhor tem... recursos. Indo direto ao ponto: por que o senhor não abre um restaurante popular?! Digo, com almoços sem custo para cidadãos de baixa renda”.

E, antes que fosse interpelado pelas tantas questões que certamente viriam, desatou a dar os esclarecimentos:

“Veja, sei que desconhecemos onde essa pessoa está. É por isso que, para aumentarmos as chances de chegarmos a ela, pensei em um projeto itinerante. O senhor pode abrir um restaurante num canto, operá-lo por algum tempo e logo trasladá-lo a outro canto. E nada mais apropriado do que focarmos em nossa própria cidade, me parece. O mundo é grande demais, mas, aqui, não. Dá para cobrir a cidade inteira em um ano – que, aliás, carece totalmente desse tipo de serviço”.

Insistiu, reforçando os argumentos:

“É a nossa chance. Por mais que não saibamos absolutamente nada do paradeiro dessa pessoa, seus hábitos alimentares, no geral, são bem

compatíveis com o que se vê por aqui principalmente quando não se tem dinheiro... com exceção, claro, de coisas como o 'titicacaldinho', mas, afinal, podendo, quem não tem suas extravagâncias?!".

E arrematou:

"As coincidências, no fim das contas, nos dão um tiquinho de esperança de encontrar em nossas próprias cercanias este cidadão que buscamos. Quem sabe não temos essa sorte? Repito: não vejo outra saída a não ser descobirmos quem é essa pessoa. E nossa única aposta viável me parece ser a de que ela – ou ele – esteja aqui, nesta mesma cidade".

Não se passou um mês até que o empreendimento fosse efetivamente iniciado. Aproveitou-se a estrutura de um restaurante de baixo movimento, oferecendo-se ao proprietário uma compensação financeira pelo uso do espaço. Por quinze dias de operação, pagou-se o equivalente a três meses de faturamento. A cada manhã, centenas de pessoas almoçavam gratuitamente. A triagem era feita com base nos registros de programas de assistência social do governo, no intuito de contemplar, de fato, quem mais precisava. O acesso ao sistema foi facilitado pelos vínculos pessoais que se tinha com o prefeito em exercício, cuja intervenção fora fundamental também para a obtenção, em tempo recorde, de todas as licenças requeridas. A comida servida era bem balanceada e em boa quantidade, com um prato diferente todo dia. Era também de agradável sabor, ainda mais por se esperar, contando-se com a boa sorte, que viesse a cair no paladar do empreendedor. Por uma questão de orçamento, pensando na eventual necessidade de rodar com a iniciativa o ano inteiro, os ingredientes utilizados eram aqueles disponíveis localmente e a menor custo na estação. Mas havia algo no menu que propositalmente destoava. *"O senhor vai servir uma sobremesa bastante atípica na culinária popular, algo que pouca gente esteja habituada a comer. Poderia ser aquela que você gosta. Aquela com romã, sabe? Façamos o teste. Como o senhor estará sempre presente no restaurante, caso sinta na boca o gostinho de sua sobremesa preferida no horário das refeições, saberá que seu 'irmão siamês' está por perto".*

A cada quinze dias, o restaurante mudava de bairro, repetindo-se o mesmo padrão de funcionamento. Sem faltar um dia sequer, o empreendedor permanecia o tempo todo atrás do balcão, atento a quem entrava para comer. Ainda mais compenetrado ficava quando começavam a sair as primeiras sobremesas.

E as semanas foram se sucedendo, sem qualquer gosto da comida de seu próprio restaurante. De entusiasmado, não demorou para passar a se sentir ridículo. Só não abandonava o projeto porque seu médico o fizera assumi-lo como um compromisso muito sério com ele. Não deixava de ir ao restaurante, mas havia muito que a esperança lhe desertara o peito.

Até que, no sétimo endereço, o cardápio subiu pela goela. Aos poucos o foi decifrando: filezinho de frango grelhado... arroz, feijão... e salada de tomate... e alface. Quase não podia crer! De impulso, soltou um elogio efusivo aos cozinheiros atrás, virando a cabeça só até o limite de não desprender os olhos do salão. Sequer ouviu os agradecimentos em retribuição. Perseguiu obstinadamente no movimento de garfos e bocas uma sincronia com o seu paladar. E então saíram as primeiras sobremesas. Numa mesa relativamente próxima, viu um rapaz dar a primeira mordida no exato momento que uma sementinha de romã parecia estourar em sua língua atrás do balcão. Ali fixou toda a sua atenção. Esperou pela colherada seguinte, e novamente seu paladar se encheu daquela doçura tão familiar e tão anelada. O doutor estava certo, e em tudo, pelo visto. É ele! É ele! Minha mãe do céu, é ele! E, assim, de boca vazia, apreciou como nunca aquela fruta, até o prato do rapaz ficar também vazio.

À frente, esse rapaz, nos seus vinte e três ou vinte e cinco anos, talvez, não demonstrava partilhar do mesmo deleite. Nada havia deixado nos pratos, é verdade, mas via-se que levava a comida à boca como quem não faz mais do que obrigação, e comer, ao ser obrigação, não dá gosto nem sacia, mas se cumpre.

Decidiu-se por fazer um teste definitivo. Chamou um funcionário seu de canto e lhe pediu que oferecesse mais uma porção de sobremesa àquele rapaz.

Fez-se a pergunta do que achara do doce, e a resposta, num sotaque hispânico, indicou que, a bem da sinceridade, gosto nenhum se havia sentido. Propôs-se, então, servir novamente o prato, pois o chefe de cozinha não ia ficar satisfeito com essa insipidez. Antes que se pudesse esclarecer que não se tratava disso, o funcionário já havia virado as costas. Dez segundos depois, voltou com a segunda porção da sobremesa.

Dessa vez, o empreendedor também tinha em mãos o seu pratinho. O rapaz pôs a primeira colherada na boca, e, aqui, detrás do balcão, o gesto foi repetido com absoluta precisão. A boca de lá parou, contida numa cara de espanto. Recobrou movimento em alguns instantes, numa mastigação bem vagarosa. Já a boca de cá, cheia do mesmo sabor, se abria num sorriso avermelhado.

Dirigiu-se à mesa então pessoalmente. Postou-se diante do rapaz, com pinta de que fosse o tal chefe de cozinha. Perguntou-lhe se já tinha provado antes na vida essa sobremesa, e ele disse, ainda aturdido, que provado já tinha, sim, mas comer mesmo, era a primeira vez. Depois, sendo mais explícito, quis saber do veredito final, se havia gostado do que comeu, e teve como devolutiva uma contundente afirmação, reforçada pela fala de que não se poderia imaginar o quanto. Convidou-o, assim, a retornar sempre, pois todo dia seria servida a sobremesa, que, a propósito, era de romã.

Aquele era o primeiro dia de funcionamento do restaurante no novo endereço. Por conta de alguns imprevistos com o proprietário, teve que ser num domingo, e em plena Páscoa.

Despediu-se cordialmente do rapaz sem mais comentários. Para além do despreparo de lidar com uma situação que, por mais ansiada que fosse, era também altamente improvável, não quis ser exaustivo numa primeira aproximação. Estava convicto de que teria todas as oportunidades para revê-lo. Afinal, se já havia marcado presença na inauguração, num domingo de Páscoa, era de se esperar que voltaria ao longo da semana.

Mas não voltou.

O restaurante, claro, ficou ali por mais do que quinze dias. A constância terminou por atrair gente de outros bairros, que passaram a se deslocar para lá por um prato de comida. Mas quem se queria, não aparecia. Chegou um tempo em que saía agoniado pelas ruas, batendo de porta em porta, com não mais do que uma descrição grosseira de um corpo jovem na ponta da língua, que, ao final, sempre divergia dos corpos apontados para espelhá-la. O funcionário que se acercara inicialmente ao rapaz naquele domingo de Páscoa ficava alerta no restaurante cada vez que o empreendedor se ausentava em sua busca. Que nem ao banheiro fosse, para não dar sopa p'ro azar.

Cinco mudanças de endereço ainda seriam feitas pela cidade no que restava do ano. Milhares de refeições foram servidas com sobremesa gratuitamente enquanto durou a iniciativa. Nesse transcurso, continuou alimentando “a si mesmo” como entendia que deveria ser, com o que de mais saudável e nutritivo sua fortuna permitia. Em contrapartida, nos dias talvez mais afortunados do outro, sentia gosto de coentro.

Anos à frente, por vezes, lhe invadiam a cabeça pensamentos de que deveria tê-lo levado à força quando teve a chance. Poderia tê-lo detido e o mantido em cativeiro, assenhoreando-se de sua boca e de tudo o que nela entrasse. Poderia até ter cogitado com seu médico algum tipo de intervenção... Sei lá, um transplante de estômago, talvez? Não o aprazeria poder degustar novamente seu “titicacaldinho”?! Pois, então, por que não voltou mais? Por quê? E só o que o libertava dessa catarse era a tirânica lembrança de que havia na vida coisa ainda pior do que não ter escolha sobre o que comer.

Fechou o último restaurante no primeiro dia de dezembro para nunca mais reabri-lo. E em todo fim de ano, uma boca alheia lhe deu o gosto da romã, sua fruta preferida, ora no Natal, ora no réveillon.